

O.S.
605
(B)

REVISTA LOURA

ANNO PRIMEIRO

SERIE A

FASCICULO 1

REVISTA LOURA

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL DE
ARTE, CRITICA E VERDADE

ASSIGNATURA:

Para Portugal, Hespanha e Ilhas adjacentes, um anno ou 24 fasciculos, 1,000 réis; 6 mezes ou 12 fasciculos, 500 réis; 3 mezes ou 6 fasciculos, 250 réis.

Para fóra d'estes paizes só se accitam assignaturas por 6 mezes pelo menos, augmentando o porte do correio.

Custo avulso, 60 réis

Redacção e Administração: RUA DO MARCO DA FEIRA, 28
COIMBRA (Portugal)

A Revista Litteraria fundiu-se com a Revista Loura.

*
No fim de cada serie de 12 fasciculos offerecemos aos nossos assignantes uma bella capa para o volume.

*
A não devolução d este fasciculo dentro de 2 dias, importa a assignatura da revista.

*
A Empresa não satisfaz encommenda alguma que não venha acompanhada da respectiva importancia.

ANNO PRIMEIRO

SERIE A

FASCICULO

REVISTA LOURA

PUBLICAÇÃO BIMENSAL DE
ARTE, GRÁFICA E VERDADE

ASSIGNATURA:

Para Portugal, Hespanha e liras adjacentes, um anno ou 24 fasciculos, 1.400 réis; 6 meses ou 12 fasciculos, 700 réis; 3 meses ou 6 fasciculos, 350 réis.
Para fóra d'estes paizes os se recitam assignaturas por 6 meses pelo menor, aumentando o porta de correio.

Custo avulso, 80 réis.

RUA DO MARCO DA FEIRA, 28

COIMBRA (Portugal)

Redacção e Administração:

A Revista litteraria fundiu-se com a Revista Loura.

At the end of each series of 12 fascicles, the subscribers are notified by the publisher's office. The price of the series is 1,400 réis. For 6 months, the price is 700 réis, and for 3 months, it is 350 réis. For foreign subscribers, the price is 6 months for the lowest, with an increase for postage.
The publisher's office is located at Rua do Marco da Feira, 28, Coimbra, Portugal.
The magazine is published bi-monthly. It is a literary review that has merged with the Loure Review.
The publisher's office is located at Rua do Marco da Feira, 28, Coimbra, Portugal.
The magazine is published bi-monthly. It is a literary review that has merged with the Loure Review.

REVISTA LOURA

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL DE

ARTE, CRITICA E VERDADE



COSTA CABRAL

ALDA

Cabellos negros cahidos sobre os hombros, olhos muito abertos, narinas muito dilatadas e collo nú, assim estava ella quando, em phrases de dôr, disia: «Bem disse Michelet que «o homem deseja e a mulher ama. Elle tem inventado centenas de religiões, de legislações polygamas.»

E, n'um gesto d'odio, fez que o sangue lhe rebentasse nos labios.

«Sim, continuou Alda, eu amei-o sempre, julguei o morto e deixei que a vontade de meu Pae fosse cumprida, casei me com este, com Eduardo, que eu n'unca amei, que eu jámais respeitei!

«Foi n'um baile foi em casa do Marquez de Castro Viegas, que eu de novo encontrei Eurico, aquelle por quem jámais o meu coração deixou de palpitar; quasi o não quiz conhecer, porém, era elle!»

Duas lagrimas rebentaram nos bellos olhos de Alda; então, Hero, a sua amiga e confidente, disse-lhe:

«Que te importa o mundo? Não é elle feito d'enganos e mentiras tão inherentes á Humanidade, que quasi sempre despreza em acção as virtudes que recomenda em

theoria?—Que nos importa a nós o mundo quando as harmonias do coração nos arrebatam?!»

Um longo silencio se seguiu a este curto dialogo e os seios palpitantes das duas amigas que tanto se queriam pareciam querer abrir-se, em seu palpar apressado, para deixarem fallar a propria Dôr. Foi Hero que de novo quebrou o silencio e disse:

«Amar assim como tu amas, divina e santamente, Amor puro e feito todo d'Alma, é fugir do mundo e desprezar a vulgaridade; tu amas immenso Eurico, elle vota te um Amor infinito, que fazer-lhe pois? Eu sei que este mundo tem preconceitos e que tu os respeitaste sempre e que os respeitas, mas, acaso a Alma, o coração, está sujeito a preconceitos, a leis?»

— «Hero, sim, o coração, a Alma, não obedece a leis, não reconhece os preconceitos; mas... , matarei meu Paê, elle morrerá de Dôr. Antes quero morrer... e que me importa a vida? Acaso não me ia eu finando sob o jugo da Dôr que me opprimiu ao dizerem-no morto?! Morrerei agora... , irei pedir a Deus por elle... ; mas, morrer quando o encontrei, morrer aos vinte annos? Absurdo, loucura!!

«Alta noite, a Mimi Lencastre estava ao piano e todos n'ella tinham presa a attenção, eu pensava, como sempre, no meu Eurico morto n'Africa sem ter a seu lado um peito amigo, sem que pudesse talvez pronunciar o meu nome; que martyrio, que horror!

«Um official novo, pallido, magro, quasi cadaverico, peito coberto de medalhas, entrou então; como te disse, quasi o não conheci; vinha tão magro, tão trigueiro!

«Cortejou as damas e continuou a conversa com o Capitão Peres e o Dr. Vieira que com elle entraram; de

repente, as nossas vistas crusaram-se e os seus olhos incendiaram-se de extranha luz, era a luz do Amor; cuidei morrer ao conhecê-lo, elle vivo e eu casada, morta, enterada, sepultada!!

«Dançou-se e Eurico aproximou-se de mim, parecia ter medo; julguei que tudo soubesse e fiquei um pouco socegada.

«Lembras-te, me disse elle e eu tremia de medo, Alda, dos sonhos dourados que outrora concebemos e que eu agora venho realisar; chegado d'Africa, prisioneiro dos selvagens, devo o não ter sido trucidado a um milagre que depois te contarei, e á minha habilidade de prestimano e prestidigitador devo o estar a teu lado e em breves dias nos casarmos; tu ainda me votas o mesmo Amor, não é verdade?»

«Quiz interrompê-lo, dizer-lhe qual a infelicidade, a desgraça que se dera, porém..., a sua voz tinha tanta magia e eu encontrava-me tão embaraçada que nada lhe pude dizer senão quando elle terminou e só estas palavras de gelo, que bem deveriam ter-lhe manifestado a minha Dôr, a minha desgraça.—Estou casada—; elle, porém não quiz saber o resto e despediu-se com um frio e significativo—Minha senhora!—Vê tu, minha adorada Hero, quanto eu sou desgraçada, nem elle mesmo me perdoou, elle menos que ninguem!»

Alda tornou-se cada vez mais descorada, tremia-lhe a voz e cahiu sem sentidos, semimorta.....

.....

Quarto ricamente mobilado, fofos tapetes amortecem os passos; n'um leito de nogueira preta está deitada uma mulher bella, soberanamente bella, parece morta; á sua

cabeceira estão dois cavalheiros de idade madura e um rapaz moço e sympathico; vela o leito a já nossa conhecida Hero.

Um dos medicos, um dos taes cavalheiros mais velhos, leva de momentos a momentos um frasco de saes junto das narinas de Alda, pois é ella que vemos n'esse leito, e o outro toma o pulso da doente, Eduardo passeia febrilmente e Hero colla os seus aos labios d'ella, da doente.

«Tem sido um resistente deliquio este e prasa a Dens que outro não lhe sobrevenha, porque este em breve vae passar», dizia o medico do pulso aos circumstantes.

Na realidade, passados poucos minutos Alda entreabria os labios e pronunciava: «Eurico, amado Eurico, és tu?; tu ainda não morreste?»

Descerrou tambem as palpebras e perguntou: «Onde estou eu?, mas, aqui não é a minha casa, meu Pae onde está? Papá, Mamã!»,

— «Socegue, minha senhora, socegue que seus Ex.^{mos} Paes já ahi veem, foram chamal-os», disia o medico do frasco, enquanto Eduardo se revolvia como que picado por um envenenado alfinete.

«Aquelle é meu marido?! E' uma verdade, eu estou casada!» e cahindo de novo no lethargo disse:

«E Eurico veio de Africa para casar commigo!» — «Amava-o muito, disse Eduardo, e fui eu que quebrei a tranquillidade d'aquella Alma tão meiga e tão santa; ella jámais me votou Amor, eu sabia bem que Eurico não tinha morrido, porque vi os desmentidos nos jornaes, e porque tenho dinheiro e a amava o pae deu ma e eu casei, quebrando o fio da felicidade áquelles dois entes; eu não a amava, porque se lhe tivesse Amor não a sacrificava e antes queria o seu socego, a sua felicidade.

«Ella não póde jámais amar-me, votar-me estima e eu nem porisso lhe quero mal; não terá para mim affectos e carinhos, não será minha esposa, será minha escrava e eu, por mais que lhe satisfaça as suas vontades e desejos, serei sempre seu senhor; somos dois infelizes acorrentados por uma loucura minha; eis um dos males da não existencia do divorcio!»

O Eduardo cahiu abatido pela Dôr em uma chaise-louge e, rosto entre as mãos, começou a soluçar.

Duas Almas puras que tão bem se poderiam comprehender se se amassem e que eram dois infelizes por a mesma razão do seu não-amor.

—«Coragem, Eduardo, disse-lhe o Dr. Novaes, um dos medicos, ainda se hão-de amar e muito»; por entre dentes, Hero disse: «Nunca; Alda não póde amar Eduardo!»

Os medicos mostravam-se cada vez mais sollicitos com Alda, convidaram Eduardo a ir para outro aposento, o que elle fez, e disseram a Hero: «Conte nos tudo, ouvimos-lhe a sua phrase e do facto de V. Ex.^a nos pôr ao corrente do que ha depende a vida, o estado de saude e, quem sabe, talvez mental da sua boa amiguinha, d'esta senhora.»

Hero, instada pelos Drs., tudo contou e de tudo os poz ao facto, historiando-lhe o namoro de Alda e Eurico nas suas minudencias, sendo então os Drs. d'opinião que era necessario tirar d'alli a doente, leval-a para casa dos Paes.

Entretanto, Alda de novo despertava e disia: «Sou indigna de ser esposa d'um, de Eduardo, e de amar o outro, Eurico; quero pedir perdão a meu marido, chamem-mo, sim?!»

O Dr. Novaes apresentou-lhe as razões mais convincentes para lhe mostrar que fazer tal, era uma temeridade,

porque ia aggravar o seu estado de saude, porém Alda insistiu e Eduardo veio; Alda chamou-o para junto de si, e disse-lhe que estivera no ceu, que em breve para lá voltava e que lhe perdoasse; «estivemos casados só 22 dias, disse lhe Alda, e podiamos talvez ainda ser felizes, adeus.»

—«Triste vida a minha, como eu te tornei infeliz, tu perdoas-me não é verdade? Perdoa-me sim!»

.....

Tocam a finados, o mocho pia na cruz do velho ermiterio, as mulheres correm apressadas pelas ruas: estamos no Castanheiro, pequena povoação da Beira Alta.

De toda a parte chegam convidados; agora são os fidalgos da Costa, além veem alguns officiaes do regimento em que serviu Eurico, mais além vem muito Povo; tudo vem triste, mas veem em magotes como se fora para uma festa.

«E' o enterro do filho do fidalgo», diz um velho lavrador.

«Diz que morreu por causa de certa senhora lá de Lisboa que não quiz saber d'elle e que se casou», diz um garboso moço.

«Ora, não *aquerdito* nas paixões dos homens, todos são a mesma cousa; elle morreu mas foi das *maleitas* que trouxe d'Africa, sempre é terra de pretos», diz uma apressuntada moçoila.

Ao longe vem um carro a *toda a brida* e não é o do correio, quem virá n'elle? E vem outro e outro, que será aquillo?

«Sempre é gente rica, diz um camponez, se fora ahi o *Manel* da Moita, que tambem lá andou ás turras com

os pretos, não lhe faziam assim; olha, até lá veem carros!»

Eil-os que chegam e se apeiam junto ao portão do velho solar da família de Eurico; já não podem entrar, o enterro vae já a sahir; em o primeiro carro vinham Alda, Hero, um jovem tenente d'Art.^a, o marido de Hero e um velho de alvos cabellos; nos outros carros vinham militares e amigos de Eurico.

Dobram os sinos, ouvem-se gemidos, as mulheres gritam, os pobres choram; atrás do corpo tomam logar as duas senhoras que indicamos e os cavalheiros que de todas as partes chegavam.

.....
Chegam ao cemiterio, o corpo baixa á terra, ouve-se uma estridente gargalhada e depois um grito agúdo, era de Alda, Alda enlouquecera.

Depois de fugida ao marido, vinha entregar-se a Eurico....., encontrou-o morto, enlouqueceu!



EUGENIO PIMENTEL

DIALOGO CAMPESTRE

Ao ALFREDO SERRANO

Pessoas que entram na acção: .

Niöpi, pastor, amante de
Masäro, pastora.

Se virem que sou ingrato
não se admire ninguém,
q'uma ingrata m'ensinou
a ser ingrato tambem.

Niöpi— Que é feito, Masäro, que é feito
da fé mil vezes jurada?

Masäro— Tua imagem retratada
trago, meu bem, no meu peito.

Niöpi— Como! se d'outro sujeito,
prezas a côrte e o trato!?

Masäro— Ser civil, ter genio grato,
é culpa? d'isso te offendes?

Niöpi— Masäro, tu me defendes,
se virem que sou ingrato.

Masäro— Cruel! não viste meu pranto,
quando de mim te ausentaste?

Niöpi— Sim; porém depois julgaste
ser loucura chorar tanto.

Masäro—Mal sabes, Niöpi, quanto
morta a saudade me tem.

Niöpi—Bärjun, o sabe também,
sabe-o toda a nossa aldeia;
mas d'ingratidão tão feia,
não se admire ninguém.

Masäro—As ervas do nosso prado
meu continuo pranto viram;
os tristes ais repetiram
os ais, que eu tenho dado.

Niöpi—Sim, o teu novo cuidado
n'ellas bem publico andou.
Então como certo estou,
qu'a outro deste os teus braços,
vou seguindo os meus passos,
q'uma ingrata m'ensinou.

Masäro—Das feras e neste sitio aqui
me vejas tu devorada,
se teve em meu peito entrada,
outro algum sem ser Niöpi.

Niöpi—Ah! tal desastre não sintas;
Deus te faça todo o bem
mais justo allivio me tem
inspirado Amor; começo
a mudar o antigo excesso
a ser ingrato também.

D'um livro 'inda em preparo

DO ESTRANGEIRO

ADA NEGRI

LA FIUMANA

...E sale, e sale — com sinistro rombo
S'accavalla nel buio onda sovr'onda:
Qual torrente d'inchiostro urge á la sponda,
E trema l'aria, pavida, al ribombo.

E la fiumana dei pezzenti. — E sale, —
Son cenci e piaghe, son facce scarnate,
Braccia senza lavor, bocche affamate,
Cuori gonfi d'angoscia. — E sale, e sale;

E con sé porta un greve tanfo umano,
Il tanfo dei tugurì umidi, infetti;
E um grido erompe dai dolenti petti:
«Dateci il nostro pane quotidiano»

Ma ognuno á la gran voce ó sordo e cieco
L'immota calma che precede i lampi
Del tonace uragan pesa sui campi
E il fiume ingrossa, il fiume avanza, bieco:

I granitici, immensi argini atterra,
Lordo di sangue, livido di pianto:
Domani, in nome d'un diritto santo,
Mugghiando allagherá tutta la terra...

..... Ah... l'ora é sacra.—Una virtù d'amore
Infinita, immortal come il Creato
O forti, puó guarir quel disperato
Cumulo di miserie e di dolore;

Basterebbe che incontro á le diserte
Anime singhiozzanti i vincitori
Movessero fra siepi alte di fiori,
Benedicendo con le braccia aperte.



ESCOBAR I CARVALLO

VENUS VIRGEN

Al tierno poeta uruguayo

NOBERTO ESTRADA

Salvaje sultana. Plastica rima,
De earne de lirio blanco i robusto.
El rico vigor del tórrido clima,
Le dió ha induccion triunfal de su busto.

Contemplo su faz de virjen esquiva
I admiro sus ojos claro-opalinos.
La humana cachorra yérguese altiva;
I tiemblam sus duros pechos albinos.

Es núbil en flor. Es tierna e valiente.
Ignora el connubio dulce del sexo.
Ya asalta la sangre, loca i ardiente,
La forma inferior i el vaso convexo.

La invito i acepta. Víctima pura
Del hombre feliz, suspira la hermosa;
I al dulce fragor de la alba escultura,
Del cuerpo violado nace una rosa...

Sus ojos despiden rayos de luz;
Su boca, perfumes tibios de lila;
I en torno del vivo roto capuz,
Dilata el placer, la carne intranquila...

Chile, Santiago — 1898.



GOMES NETTO

BALLADAS LYRICAS

I

E eu tentei fugir-te para sempre, pomba dos meus anhellos, diva imagem dos meus sonhos, virgínea aspiração que é todo o meu pensamento, e unica luz que me guia no mundo.

Tentei fugir-te, mas sempre o meu pensar te encontrava em toda a parte; no meu peito existia a saudade e não tinha força para arrancal-a d'ahi. Tua voz sonora e doce ouvia-a a todo o momento, — harmonia santa que me fazia esquecer a realidade e ficar sonhando delirios d'amor no céu inebriante da illusão. — Oh! quem me dera morrer emballado por teus cantos — seria a morte da ave immaculada, seria a morte sem agonia, não sentida. — Que importava morrer á tua sombra!... comtanto que ella me servisse de mortalha e o fogo do teu olhar me illuminasse até que o seio da terra inerte me escondesse?!...

E' a ventura suprema que aspira minha alma, viver a teu lado, aspirar o mesmo ar que aspiras, gosar os mesmos encantos que gosas, identificar a minha com a tua vida, e antes a algidez do tumulo do que tentar fugir-te, pomba dos meus anhellos, diva imagem dos meus sonhos, virgínea aspiração que é todo o meu pensamento, e unica luz que me guia no mundo.

II

Floresce o lyrio, em aromas embalsamado, abrindo o calice aos prantos que a aurora véрте. E' um lyrio que eu tenho no meu jardim, onde eu revejo sempre a imagem da candura, o reflexo da innocencia.—E, quando a tarde vagarosa expira envolta em lucilações vaporosas e o sol morre no occaso, volve em pouco a brisa a beijar-me as faces e o luar a mostrar-me o lyrio.—A' luz opalina da rainha dos astros, envolto n'um sonho ethereo, n'uma illusão que me deliciava, vi perpassar um vulto d'alvas rou-pagens, leve como a ave que passa, ligeira como o vento que foge e bella como o ideal que deslumbra.

Não sei! mas eu fiquei me a olhar esse astro luminoso e scismava, scismava...; uma harmonia longinqua accorda os ermos solitarios... ai, eram vozes d'um Anjo, que mais pareciam vibrações suspirosas das harpas angelicas do que vozes saudosas de quem chora a desventura d'um peito eivado pela dôr.—«Ha muito que te procuro sem descanço», me diz resplandescete de luz o Anjo das minhas visões, «tive medo que fugisses e procurei te,»—e sorrindo se meigamente, envolvendo-me no doce effluvio do mais transcendente amor, alou-se no espaço e sumiu se na immensidade o Anjo das minhas visões. Foi alli que eu te vi, junto d'esta fonte que suspira acariciando o lyrio que floresce, que me dá aromas abrindo o calice aos prantos que a aurora véрте. E' um lyrio que eu amo porque n'elle revejo sempre a imagem da tua candura, o reflexo da tua innocencia.

III

Não temas, Virgem, descança; se uma vez ousei, de leve, oppresso o peito, pensar em fugir te... era o desvario do goso que me illudia, o delirio febricitante do mais sincero amor que me hallucinava;—eu amava te, eu amo-te immenso.—Estreita no teu peito a encantadora aspiração de que o nosso amor será eterno e deixa o mundo revolver-se na languida volupia d'uma vertigem estoica que dilacera a alma, deixa-o entregue aos freneticos desejos da sensualidade, que elle não sabe que o amor é arrebol que dulcifica a dôr.

Elle desconhece o celestial effluvio que embriaga dois corações que se adoram e se identificam.

Não temas pois,—diva imagem de meus sonhos, virginea aspiração que é todo o meu pensamento, e unica luz que me guia no mundo,—descança; se uma vez ousei de leve, oppresso o peito, pensar em fugir-te, era o desvario do goso que me illudia, o delirio febricitante do mais sincero amor que me hallucinava; eu amava te... eu amo-te immenso.



GOMES NETTO

ODE
MEDITANDO . . .

I

Chora a tarde seu ultimo lamento
Nos ermos sobranceiros ao convento
 Dos arruinados claustros;
Diosas cantilenas frias, presagas
Vadeam enrutadas pelas plagas
 De horisontes exhaustos.

II

Além pela amplidão enrubecida
O vento novelleiro perde a vida
 E cae sem um gemido;
Levanta-se do mar muito ligaira
Uma brisa cantando feiticeira
 Os hymnos d'um perdido.

III

Ha cem annos que a lua ouve os prantos
Que o engano gerando vae nos cantos
 Onde habita a pureza;
E a virtude pela treva é porto certo
Mostrado ao palinuro assaz experto
 Com toda a gentileza.

REVISTA LOURA

Em o proximo fasciculo publicaremos um interessante estudo acerca do Milleret, devido a grande escuridade de Anna Feltre, a grande opositora do Humanismo Integral, e uma excelente poesia de Jean Richepin e um bello artigo de Carolina Guimarães acerca da Madrugaça, de Fernando Caldeira.

Primeira abrida de artigos seguintes: Portugueses; Escriptores modestos, Feminismo e Feministas; Portugal no estrangeiro; Arte e Artistas; Revista das Revistas e mais publicações; Artigos e pedidos das nos collabos; Colores (mediante contrato especial com a Empressa).

A Revista Louira annua-cida na quarta pagina de cada numero de que recebe 2 exemplares, e para a cada numero das outras publicações de que recebe 1 exemplar.

A Empressa da Revista Louira tem o que lhe for possivel por melhorar esta publicação, como illustrando-a com gravuras de escriptores, e escripturas de artistas e obras d'arte e d'outras pessoas illustres e notaveis, bem como o pagamento de paginas.

São muihos os pedidos inseridos na Revista Louira. A Empressa receberá todos os d'ellos presentando no termo da lista de los artigos que inserirem esta desposição.

No proximo numero daremos a lista completa dos nos sos colaboradores.

A Revista Louira tem-se em todas as Livrarias e kiosques de Lisboa, Coimbra e Porto.

O proximo numero publicara-se no dia